

Festival de Vídeo-Brasil terá 110 concorrentes

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ

Da nossa equipe de reportagem

Antes mesmo de começar, o 2º Festival de Vídeo Brasil, promoção conjunta da Fotóptica e do MIS (Museu da Imagem e do Som), já é um sucesso. Ontem, dia de encerramento das inscrições, dezenas de fitas ainda estavam empilhadas na sala da avenida Rebouças, onde funciona a Galeria Fotóptica, atestando a receptividade dos produtores independentes a propostas como a deste Festival. Foram 110 inscrições, feitas em um mês e meio, e que chegaram até de fora do País: dois estudantes brasileiros do Institute of the Arts, na Califórnia, EUA, enviaram onze produções com efeitos (muito) especiais para o certame.

"Todas as nossas expectativas foram superadas", garantia a coordenadora Solange Oliveira, interrompendo o trabalho de separar e classificar fitas e sinopses para a Censura Federal. No ano passado, 75 produções foram enviadas ao Festival, e os organizadores achavam difícil que a marca fosse batida. "O melhor, entretanto, foi que conseguimos desviar o 'eixo' dos inscritos", acrescenta a animada Solange. Com razão: se no primeiro Festival a

maioria dos participantes estavam sediados entre Rio e São Paulo, neste ano a coisa mudou. Só de Belo Horizonte, vieram 10 concorrentes, além de representantes solitários de Manaus, Porto Alegre, do Nordeste e do Interior paulista.

Agora, encerrada a fase de inscrições, o 2º Festival de Vídeo Brasil entra em sua reta final. Enquanto a Censura aprova as fitas, a Fotóptica começa a montar a que vai ser "uma grande mostra da produção independente, hoje, no Brasil", conta Solange. De todas as fitas enviadas para o concurso, cerca de 35 a 40 passarão pela pré-seleção e serão exibidas ao público na semana de 20 e 26 do próximo mês, data do Festival. As demais, e também as produções enviadas por independentes de todo o País, vão ser incluídas numa mostra paralela — já chamada de Vídeo Mercado. Serão duas salas (uma com equipamento U-Matic; outra com VHS), onde programadores, homens de televisão e membros de cineclubes poderão conhecer os trabalhos à venda. "Uma inovação, e que pode agitar muito o mercado", esclarece Solange.

Mas as novidades não terminam aí. Duas oficinas de vídeo, para a



Arrigo Barnabé estará no júri do Festival

prática até mesmo de quem nunca viu uma câmara, serão montadas pelos patrocinadores do Festival (empresas das áreas de informática e produção de equipamentos eletrônicos). E dirigidas por Sérgio Tastaldi, realizador de desenhos animados. Também estão programados três

debates — sobre a reserva de mercado, a legislação atual para o vídeo e os novos canais que (ainda) caberem no mercado brasileiro, com presenças ainda não confirmadas.

De concreto, até agora, a Fotóptica não tem sequer o orçamento do Festival. Mas tem os nomes dos integrantes do júri que vai escolher os melhores vídeos inscritos, gente como a atriz Bruna Lombardi, o músico Arrigo Barnabé, o publicitário Enio Mainardi, o secretário estadual da Cultura Jorge da Cunha Lima, os jornalistas João Clodovino do Carmo e Inácio Araújo (ambos da "Folha") e o produtor independente Goulart de Andrade.

Eles estarão incumbidos da difícil tarefa de encontrar, entre os vídeos pré-selecionados, produções ao nível de "Abre a Jaula", de José Celso Martinez Corrêa, prêmio especial do Festival de 83, ou "Marli Normal", da Olhar Eletrônico, 1º colocado entre todos os inscritos. Neste ano, a Olhar Eletrônico, uma das produtoras mais ativas da praça, comparece com nove chances diferentes de arrebatar o prêmio, cedido pela Fotóptica e patrocinadores juntamente com a TV Manchete, que apóia e divulga o evento.

Banco de Dados